

A LETRA E A VOZ: PESQUISA DOCUMENTAL E DISCURSIVIDADE EM LITERATURA

Paulo Astor Soethe e Juliana Pasquarelli Perez
(UFPR)

RESUMO

O artigo discute a função e o valor da pesquisa documental em arquivos literários para a percepção da literatura como voz discursiva no interior de uma comunidade de comunicação. Para tanto, parte-se da idéia central de Karl-Otto Apel de que a constituição de sentido corresponde a uma posição assumida em um determinado espaço comunicativo que existe *a priori* e que pode ser questionado através da dimensão estética da linguagem. Como exemplos, o artigo apresenta os resultados de dois estudos, um sobre Paul Celan, outro sobre Guimarães Rosa, em que a pesquisa documental não se perdeu em seu caráter necessariamente filológico, mas ofereceu a possibilidade de reconstruir a sagacidade discursiva própria da literatura: no primeiro, o método proposto reconstrói a voz da poesia como acusação da *shoah* e contínua defesa do humano; no segundo, revela a crítica rosiana em relação às culpas e omissões do Brasil no mesmo período histórico.

PALAVRAS-CHAVE: arquivo literário, estudo literário, voz discursiva

Às vezes, quase sempre, um livro é maior que a gente.

João Guimarães Rosa, Sobre a escova e a dúvida.

In: Tutaméia.

1. Princípio e fundamento

Refletir sobre a função e valor de arquivos literários pressupõe confrontar-se com uma questão anterior, que constitui, a propósito, problema epistemológico central na pesquisa em Estudos Literários: a inadequação de se considerar o texto literário como “objeto”.

Muitos dos procedimentos e dogmas da análise formal ainda vigentes, de maneira mais ou menos tácita, foram estabelecidos em outros tempos, especialmente em meados do século XX, quando os departamentos de Literatura em universidades importantes encontravam-se em processo de renovação e consolidação teórica, sob a pressão de comprovar e fazer prevalecer a cientificidade do que faziam.¹ Cabia aos teóricos e pesquisadores firmar-se na cena científica e angariar legitimidade acadêmica, também diante dos pares provindos de outras áreas. Dessas cátedras e departamentos surgiram publicações que fixaram ditames teóricos para a área de Estudos Literários e, em alguns casos, tornaram-se como que manuais de análise literária (nem sempre recebidos sob a atitude reflexiva e crítica cabível ao debate acadêmico). Um bom exemplo de grande repercussão teórica entre as obras desse período é a *Teoria da literatura*, de René Wellek e Austin Warren, de 1949.² A obra, inclusive pelo prestígio intelectual e moral de que gozavam os Estados Unidos nos anos do pós-guerra, constitui uma das colunas mestras para a consolidação dos Estudos Literários como área de pesquisa acadêmica, estabelecendo definições metodológicas e terminológicas fundadoras. E não há dúvida quanto a terem sido muitas as conquistas desse período, já que se desenvolveram na ocasião importantes instrumentos para a análise descritiva da forma composicional, bem como um rigor metodológico compatível com padrões acadêmicos e científicos.

Obras de espírito crítico publicadas poucos anos depois, no entanto, como as de Antonio Candido no Brasil, em 1957, já apontavam as “pretensões excessivas do formalismo” e alertavam para o risco de se converter “técnicas” de análise em “método explicativo” (CANDIDO, 1981, p. 33).

Nos dias de hoje, sob o impacto já declinante do pós-estruturalismo, iniciativa mais recente de discussão teórica acerca dos fundamentos da reflexão acadêmica na área de Letras³ – e igualmente emoldurada, está claro, pela reestruturação de departamentos em grandes

universidades nas metrópoles globais –, resta até mesmo a impressão de algum ganho, sobretudo em termos de reguladores epistemológicos para a reflexão, mas não parece ter-se avançado de maneira efetiva em direção a uma maior relevância da dicção literária e da reflexão acadêmica sobre literatura em um debate mais amplo nas Ciências Humanas.

Nos Estudos Literários, a despeito de tendências haverem apontado para direções que contemplem a inserção da literatura em uma comunidade de comunicação mais ampla⁴, ainda predomina uma atitude teórica solipsista e reificadora, sob procedimentos e pressupostos formalistas tácitos, segundo a qual o estudioso debruça-se sobre a obra para dissecá-la e descobrir nela uma espécie de teor imanente de verdade (ou de impossibilidade de verdade) presente na anatomia da matéria verbal. O anseio pela apreensão do “objeto” sob uma atitude solipsista – seja para fixar-lhe um sentido único, seja para negar-lhe a existência de qualquer sentido determinável – obscureceu uma dimensão central do texto literário: o fato de ser *voz discursiva* proferida por quem participa de uma comunidade de comunicação.⁵

O *a priori* da comunidade de comunicação – que fundamenta metodologicamente a presente proposta de refletir sobre o papel e valor do trabalho com fontes documentais e genéticas no âmbito da pesquisa sobre literatura – é explicitado pelo filósofo alemão Karl-Otto Apel, no segundo volume de sua *Transformação da filosofia* (APEL, 2000). Uma das questões fundamentais para o pensador, nascido em Düsseldorf em 1922, é “a velha controvérsia sobre a relação entre as ciências naturais e as ciências humanas” (p. 117). Suas considerações epistemológicas afirmativas quanto à possibilidade de verdade e sentido na filosofia, nas letras e nas ciências oferecem elemento valioso ao atual debate na área de Estudos Literários.

Preocupado com uma antropologia cognitiva capaz de conduzir a reflexão sobre o papel das práticas científicas na atualidade,⁶ Apel argumenta que para fundamentá-la “a relação cartesiana entre sujeito e objeto não basta”, já que “uma consciência objetual pura, tomada por si mesma, não pode extrair qualquer sentido do mundo” (p. 114). Recorrendo ao pensamento de Helmuth PLESSNER (1928), afirma que “para se chegar a uma constituição de sentido, a consciência – que é ‘excêntrica’, segundo sua natureza – precisa engajar-se no aqui e no agora de maneira ‘centrada’, ou seja, de maneira corporal.” Assim,

“toda constituição de sentido remete a uma perspectiva individual, por exemplo, que corresponde a uma posição no espaço, o que quer dizer, mais uma vez: a um engajamento corporal da consciência cognitiva” (idem). Apel prossegue, no entanto, para destacar o que guarda maior interesse para este artigo:

Inusitadamente, porém, a respectiva constituição individual de sentido possível não é mediatizada apenas por um engajamento corporal da consciência cognitiva; na verdade, esse engajamento se dá com a validade intersubjetiva de cada constituição de sentido: pois só através dos signos da linguagem minhas intenções de sentido são mediatizadas com as intenções de sentido de outras pessoas, de forma que só então passo, de fato, a poder ‘ter algo em mente’. E isso quer dizer que só tenho intenções de sentido válidas porque há uma linguagem em que não são apenas as minhas intenções de sentido que estão firmadas. Essa união com os outros quanto às intenções possíveis de sentido (...) até certo ponto já está consumada desde o início nos ‘significados’ da linguagem (...); além disso, ela ainda inaugura uma dimensão experiencial de caráter próprio. (idem)

Essa clarividência teórica permeia os vários capítulos da obra de Apel. Em outro momento, ele se questiona, por exemplo, sobre a possibilidade de fundamentação racional última no debate filosófico sobre ética, a partir da situação do indivíduo na comunidade de comunicação. E afirma quanto a isso:

[Q]ualquer pessoa que propõe a pergunta (plenamente sensata, a meu ver) acerca da justificação do princípio moral já *toma parte* na discussão; e diante de uma tal pessoa é possível (...) “fazê-la ver” o que já vinha aceitando “desde o início” como um princípio fundamental; e fazê-la ver também que deve aceitar esse princípio, através de sua resoluta corroboração, como uma condição de possibilidade e de validade da argumentação. Quem não vê tal coisa, ou não a aceita, retira-se da discussão. Mas quem não participa da discussão, não pode nem sequer propor a questão acerca da justificação de princípios éticos básicos; e portanto é contra-senso falar da falta de sentido de sua pergunta, e recomendar-lhe uma honrosa decisão de fé. (...) [C]ada um que fala e age já participa de uma discussão virtual, (...) e cada um (...) tem que *corroborar de forma resoluta*, e a todo momento de sua vida, a própria participação no jogo de linguagem transcendental da comunidade comunicacional transcendental. (p. 475-476)

A dicção literária, embora naturalmente difira do debate sobre ética, também se preocupa de maneira central com as formas de organização da interlocução social e com possibilidades de “propor ques-

tões” e de “tomar parte” no diálogo que delas decorra. E, ao encontrar novas soluções formais para que ocorram a proposição de perguntas e a participação em discursos, a literatura não apenas se nega a “retirar-se da discussão”, mas intervém sim, de modo peculiar, sobre as formas e a constituição da interlocução nas comunidades de comunicação. Ela ao menos se revela capaz de infundir nos demais interlocutores (mesmo em comunidades nada literárias) uma sensibilidade ante à forma da dicção deles mesmos, pretensamente neutra e referencial.

Apel, quanto a isso, tece cá e lá considerações sobre a literatura. Suas palavras, quer parecer, tornam legítimo extrapolar a reflexão sobre a ética e entendê-la como válida também para a dicção literária, que, segundo Apel, propõe perguntas acerca dos “motivos de sentido” da “vida presente e futura”:

A “comunidade de interpretação” formada pelos seres humanos actantes tem por decorrência que eles mesmos esclareçam os motivos de sua ação, de maneira especial em “obras” literárias. A interpretação desses documentos – não como abertura de “fontes” para a reconstrução de fatos passados, mas como intelecção posterior de motivos de sentido em virtude de si mesmos, ou seja, com o objetivo de um enriquecimento de sentido da vida presente e futura – constitui o tema das “ciências humanas” verdadeiras, ou seja, das “ciências humanas hermenêuticas”. (APEL, 2000, p. 59)

Afinal, ao privilegiar a dimensão estética da linguagem, em meio a comunidades de comunicação nas quais prevalece um viés lógico-argumentativo e instrumental, a presença e dicção de textos literários questiona justamente a neutralização dos debates e a hiper-regulamentação das formas. E embora a literatura não aceite, bem a propósito, recomendações de “honrosas profissões de fé” – como recomendava Apel ao integrante do debate sobre princípios éticos –, ela corrobora sim “de forma resoluta e a todo momento” a própria “participação no jogo de linguagem transcendental”, estabelecido para além do contexto de uma comunidade de comunicação limitada à resolução de problemas pontuais e imediatos.

Não obstante a amplitude discursiva da literatura⁷, não é raro que trabalhos da área acadêmica de Estudos Literários limitem-se a um passo reflexivo em que se apresenta apenas a estrutura formal do texto analisado. Chega-se, quando muito, a sugestões interpretativas, em que o estudioso mais preparado arrisca-se a tecer considerações

sobre possíveis significados que *ele* atribui a elementos formais no texto ou que supõe haver *no objeto* de sua reflexão. Fica-se aquém, no entanto, de um terceiro passo – que não prescinde dos anteriores, mas os põe à prova e os faz repercutir na comunidade mais ampla, de maneira efetiva e relevante. A saber: o estabelecimento do sentido da composição formal, a partir da inserção do texto no meio discursivo que ele integra.

Pois, para além da relação entre sujeito e objeto, conforme se argumentou, cabe também nos estudos especializados compreender o texto literário – enquanto forma de expressão humana – em meio à relação discursiva entre diversos sujeitos. Os exemplos a seguir procuram concretizar a abordagem e dar corpo às considerações feitas até aqui.

2. A rosa de ninguém – uma voz emudecida?

Em face do texto literário como *voz discursiva*, reforça-se o valor de uma base documental, genética e argumentativa para a exata – ou tão exata quanto possível – reconstituição do discurso de que o texto participa enquanto voz de seu autor. Com quem o texto dialoga de fato? Quais são as leituras e as referências do escritor? É possível encontrar algo sobre elas em sua biblioteca, em suas anotações, em suas cartas? Qual é o seu posicionamento na comunidade de comunicação que ele integra? Ou: por que o escritor se distancia de uma determinada comunidade de comunicação e com quem passa a dialogar? Quais formas seu discurso assume? E, enfim, qual é sua contribuição para tal contexto discursivo, como valor que transcende uma época e alcança outra comunidade que acaba por se constituir em torno de seu texto?

Talvez não seja mais preciso reforçar o valor do arquivamento em si mesmo, como fonte documental histórica, nem questionar as pesquisas de bases biográficas documentais (cartas, diários, etc.) e genéticas (rascunhos, anotações, edições corrigidas) ou o esforço filológico para o estabelecimento de um texto-base. Pois, mesmo sem uma tradição tão longa quanto a da *Editionsphilologie* [filologia da edição] alemã, que se inicia no século XIX, os estudos recentes nesse âmbito de atividades, que surgiram por causa de circunstâncias históricas bem precisas⁸, já tiveram tempo para se consolidar e ga-

nhar o reconhecimento de pesquisadores de outras áreas da literatura. (cf. GRÉSILLON, 1999).

De qualquer modo, o interesse pelos arquivos de literatura não exige adesão incondicional aos estudos realizados na linha da crítica genética, tampouco precisa se limitar aos organizadores de edições críticas e aos estudos filológicos. As perguntas que permitem reconstruções bastante precisas de um discurso também podem ser respondidas a partir de pesquisas realizadas em arquivos, e não parece haver motivos para excluir de um estudo interpretativo dados disponíveis em manuscritos, cartas e edições críticas. Aliar as interpretações à pesquisa em arquivos pressupõe, portanto, a possibilidade de integrar diversas dimensões do que chamamos “literatura”, sem eleger uma delas como absoluta.

Antes de oferecer um exemplo de como tal estudo poderia ser realizado, ainda são necessárias algumas observações. Se, por um lado, esta discussão metodológica é possibilitada pelas atuais reflexões sobre a literatura, por outro, também representa um consciente distanciamento de algumas tendências críticas surgidas nas últimas décadas e um desenvolvimento de outras. Quando se fala aqui em *reconstrução de um discurso* e, portanto, da reconstrução de um *sentido*, por exemplo, não se exclui a riqueza das diversas leituras que um texto adquire ao longo do tempo, nem se pretende impor um sentido único a ele. Mas certamente se trata de uma visão hermenêutica, que busca as diversas relações que um texto estabelece a fim de compreendê-lo de modo tão preciso quanto possível.

Da mesma forma, reconhecer a literatura como uma dicção em meio a outras não significa necessariamente conceber as relações no interior dos discursos como relações de poder; considerar a “interação” do escritor com uma comunidade de comunicação não implica admitir sua dissolução em um mundo impessoal de textos; deixar de declarar a “morte do autor” e buscar sua intenção é coisa bem diversa de considerá-lo autoridade absoluta e inquestionável.

A pesquisa de textos literários como uma *voz discursiva* e a distância de algumas tendências atuais da crítica tampouco significam a constituição de um novo campo de estudos, como os que defendem, por exemplo, o campo do *discurso literário*. (cf. MAINGUENEAU, 2006). Aqui se trata da tentativa de preservar uma abertura à complexidade dos fatores constitutivos da literatura e de encontrar um equilíbrio – provavelmente instável – em sua descrição.

Mas, a mera tentativa torna-se quase uma exigência ao nos depararmos com textos como os de Paul Celan (1920-1970), por exemplo. Judeu nascido em Czernowitz (atual Ucrânia), um poema de Celan, *Die Todesfuge [A fuga da morte]* – denúncia evidente dos horrores do nazismo e do papel que a própria cultura alemã desempenhou para que ele pudesse surgir – causou tal impacto no âmbito da literatura e da crítica de língua alemã que muitos desejaram considerar sua *voz discursiva* confortavelmente *muda* ou compreender seu suposto mutismo como forma de protesto. O equívoco conceito de *hermetismo*, introduzido na crítica de língua alemã dos anos 50 por Hugo Friedrich (cf. HARBUSCH, 2001, p. 31-38), foi quase tacitamente aceito por nomes famosos como Adorno, que declarou Paul Celan o maior representante do hermetismo (ADORNO, 1990, p. 477), e por GADAMER (1993), entre outros.

Boa parte dos estudiosos da obra de Paul Celan simplesmente considerou seus textos herméticos, sem reparar que, se reconstruíssem sua gênese e o contexto discursivo exato em que os poemas foram escritos, eles se revelariam críticos, ácidos, penetrantes, radicais, complexos, rigorosos, trágicos, agudos, questionadores – e muitos outros adjetivos, menos... herméticos.

É compreensível que os trabalhos que se arriscam a seguir esta via ainda sejam poucos: os novos dados só começam a estar realmente disponíveis a partir dos anos 90, a observação da gênese do texto é um exercício filológico nem sempre atraente e a reconstrução do contexto discursivo comporta um trabalho detalhado de investigação, que muitas vezes não tem sucesso. Mas as pesquisas que se desenvolvem com a utilização desta nova base empírica demonstram que o esforço vale a pena. Entre eles, destacam-se os estudos de Christine Ivanovic – que procurou reconstruir a relação de Celan com os autores russos (Cf. IVANOVIC, 1996); Joachim Seng – que escreveu a primeira interpretação de *todo* o ciclo *Sprachgitter* a partir do material das edições críticas (SENG, 1998); Werner Wögerbauer (WÖGERBAUER, 2000) – cujos artigos elucidam muitos aspectos da obra de Celan; e, por fim, os textos de Axel Gellhaus e seus colaboradores que, além de organizarem a *Bonner Ausgabe* (uma das edições críticas da obra de Paul Celan) com extremo rigor filológico, procuram aliar o trabalho de edição ao de interpretação. (Cf. GELLHAUS, 1993, 1994, 2001, 2002, 2003, 2005).

Animada por observar que, ao utilizarem os novos dados, tais

trabalhos pareciam devolver aos textos de Celan sua *voz discursiva*, seu gesto e seu *ethos*, procurei [J. P. Perez] sistematizar alguns passos de método, implícitos nos trabalhos citados, para interpretar o ciclo de poemas *Die Niemandrose [A rosa de ninguém]* (CELAN, 2001), sobre o qual também não havia nenhuma pesquisa integral. (Cf. PEREZ, 2005). A breve sistematização que vai a seguir corresponde, portanto, mais a uma esperança do que a um relato: por ter se revelado experiência positiva, talvez ela contribua a outros estudos que buscam integrar a pesquisa em arquivos, os diversos fatores implicados em um texto literário e a interpretação.

Havia – e há – uma premissa para este tipo de pesquisa: estabelecer uma *hipótese positiva* em face da tarefa de investigação teórica ou interpretativa, seja ela proposta por um poema, uma referência específica, uma pergunta complexa: *deve haver* um sentido preciso a ser encontrado. A reconstrução da gênese do texto, bem como a do contexto discursivo em que a voz do texto comparece, estão a serviço da interpretação, como afirmou uma vez Peter Szondi (SZONDI, 1978, p. 278).

A fim de encontrar os fios do complexo entrançado de anotações, pensamentos, tentativas de tematização através dos quais cada poema se configura (GELLHAUS, 2003, p. 16), o *texto editado* foi considerado o objetivo da interpretação e, por isso, seu *ponto de partida*: observou-se a cronologia da criação do poema e sua posição no livro de Paul Celan. Só então as variantes dos diversos manuscritos e outras informações foram introduzidas na análise.

Assim, a *data de criação* do poema serviu como *referência* para outras perguntas: Celan escreve outros textos no mesmo dia? É possível estabelecer relações entre as traduções, anotações, leituras, cartas e acontecimentos pessoais, que eventualmente tenham ocorrido naquela data, e o poema em questão? Sob esse procedimento de análise a descrição de tais dados – embora deva ser tão precisa quanto possível – não se pretende exaustiva nem exclui relações que não podem mais ser reconstruídas, tampouco devem servir como “prova” da interpretação. Os dados oferecem indícios para a reconstituição do possível discurso que o poeta orchestra em torno de si, sob a evocação de determinados interlocutores e questões – para então integrá-lo, ao enunciar o poema.

O nexos possivelmente encontrado entre os diversos dados e o

poema precisa ser explicitado. Acontece muitas vezes que um nexos específico serve como pano de fundo de vários poemas; acontece muitas vezes que uma idéia rapidamente anotada seja desenvolvida em uma carta ou em outro texto. Muitos poemas de *Die Niemandrose*, por exemplo, foram escritos no mesmo período em que Celan redigiu seu mais importante discurso, *Der Meridian*, e entre os textos há um constante vai-e-vem: as anotações para o discurso retornam nos poemas, versos ou temas de poemas tornam-se um núcleo de reflexão no discurso – e é preciso considerar tal movimento para reconstruir o âmbito discursivo em que o poema foi escrito.

Somente após este trabalho de reconstrução da gênese do texto e do âmbito de discursos com os quais ele se relaciona é possível reler o poema e verificar se: a) a primeira hipótese de interpretação estava correta e se b) as interpretações já existentes sobre o texto devem ser questionadas ou valorizadas.

Talvez ainda se deva observar que anotações, rascunhos de poemas, cartas, *marginalia* representam diferentes fases do pensamento do autor e que sua subordinação ao texto editado não constitui nem uma leitura biográfica, nem uma leitura psicológica do texto, muito menos procura estabelecer um nexos causal entre os diversos dados. Trata-se da possibilidade de descrever tão exatamente quanto possível com quem um escritor dialoga, a que acontecimentos se refere e que sentido atribui às próprias palavras quando as organiza como um texto literário.

A pesquisa em arquivos de literatura torna-se, portanto, imprescindível para o esforço de reconstituição do ambiente discursivo em que os textos surgem e ecoam, como constituição da memória da presença do autor em seu contexto – a menos que a pesquisa dos arquivos esteja tão adiantada, que edições críticas e demais materiais já se encontrem acessíveis em forma de publicações. E mesmo assim: não haveria sempre novas perspectivas de apresentação e exploração do material disponível?

3. O Rosa de ninguém – a letra velada

Ora, mesmo a obra de João Guimarães Rosa, um dos escritores mais estudados da literatura brasileira, ainda apresenta inúmeros aspectos inexplorados.⁹ Uma visita ao arquivo do escritor, depositado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), revela claramente essa situação. Desenvolvi [P. A. Soethe] nessa instituição uma pesquisa sobre a recepção de elementos da cultura de língua alemã por Rosa (cf. SOETHE, 2005). O recorte, orientado pela busca de materiais em idioma alemão e pela seleção de temas, autores e circunstâncias biográficas relacionados àquele espaço cultural, em breve direcionou-se para o aproveitamento literário das referências acessíveis ao escritor. Para o foco de interesse deste artigo, ficou evidente que a pesquisa situava a obra de Rosa em pelo menos dois discursos: a) um deles relacionado à presença de alemães na constituição da nação brasileira; b) o outro relacionado à vivência do nazismo pelos alemães.

Quanto ao primeiro discurso, foi importante verificar – pelo grande número de anotações de Guimarães Rosa em seu exemplar – a leitura atenta da obra *A aculturação dos alemães no Brasil* (WILLEMS, 1946) e perceber que a caracterização da única personagem alemã em *Grande sertão: veredas* encerra diversas alusões à contribuição de imigrantes dessa etnia à “cultura material” no Brasil. O nome do personagem *Emilio* “Wuspes, Wupsis, Vupses” (ROSA, 1994, II, p. 50) repentinamente revela-se como alusão ao nome do autor da obra citada, *Emilio Willems*, e o indício de inserção discursiva passa a estar dado pelo próprio escritor, em sua obra. Essa referência, entre outras, antecipa e corrobora inclusive um dos debates mais promissores acerca do grande romance rosiano, na cena atual da crítica especializada: aquele que entende a obra como texto de formação do Brasil, conforme sugere Willi BOLLE (2004).¹⁰ Homem de Estado perspicaz e dedicado, Rosa teria refletido sobre os vários elementos constitutivos do tecido social brasileiro, em que não poderia faltar a consideração sobre os imigrantes e sua contribuição específica às dinâmicas históricas no País.

Mais instigante ainda, no entanto, foi a consideração de um conjunto de três contos em *Ave, palavra*, unidos pelo elemento comum da presença de um personagem que é diplomata brasileiro na Alemanha, durante o período do nacional-socialismo. A problematização da ati-

tude das personagens, claramente identificáveis com o escritor no período em que viveu como diplomata em Hamburgo (1938-1942), o acesso a livros anotados pertencentes ao escritor, considerações suas nas cadernetas de trabalho e a leitura de trabalhos históricos sobre documentos da diplomacia brasileira na época levam o pesquisador a constatar, nos textos literários de Rosa, uma problematização em torno da atuação do Brasil (e da própria pessoa do escritor-diplomata) naqueles anos em que tantos judeus à busca de asilo tiveram vistos negados pelas autoridades brasileiras. O tema se atualiza,¹¹ e para seu devido tratamento pela opinião pública brasileira será imprescindível contar com a atitude reflexiva e cautelosa dos narradores-personagens de Rosa em seus “contos alemães”, que parecem purgar na própria consciência sensações de culpa e omissão. O olhar primeiramente voltado para a Alemanha e para o absurdo da história daquele país nos anos da barbárie nazista retroage e ilumina cantos escuros também na história do Brasil. A pesquisa rosiana identifica e reinicia discursos a que o próprio escritor convidava, mas que talvez só agora possam ser conduzidos de maneira eficiente, à luz do material que pouso silente no “Sprachgitter”, na malha enredada de linguagem, que suas anotações e sutilezas narrativas entretecem.

As muitas referências à literatura alemã na biblioteca de Rosa são de todo modo um sinal positivo e promissor para encontros menos tensos entre tradições culturais distintas. Remetem à imagem de um grande arquivo integrado pelas novas condições tecnológicas¹², qual uma imensa rede que materialize o “diálogo que somos”, segundo apregoa o poema “Celebração da paz”, de Friedrich Hölderlin.

4. ...desde que somos um diálogo

Talvez pareça exagerado o desejo de estender as pesquisas em literatura aos arquivos; pretenciosa, a tentativa de descrever um método possível de trabalho; talvez pareça utópica a idéia de que tais arquivos também desempenhem um papel importante na constituição de referências de identidade para a sociedade e as instituições que os abrigam; talvez não falte quem considere a conservação e os estudos de manuscritos – antigos ou modernos – um imenso desperdício financeiro. Mas é possível que se dissipem algumas dúvidas se recor-

darmos que entre os primeiros que perceberam a importância cultural dos arquivos de literatura estão Wilhelm Dilthey, na Alemanha, e Carlos Drummond de Andrade, no Brasil.

Em 1885, fundava-se em Weimar o *Goethe-Archiv*; dois anos depois iniciava-se a edição das obras de Goethe (GRÉSILLON, 1999, p. 223); em 1889, Wilhelm Dilthey publica o ensaio *Archive für Literatur*, em que considera imprescindíveis tanto o encontro pessoal com o sopro (*Atem*) do escritor, que resta em seus rascunhos, cartas e anotações, quanto a conservação, coleção e ordenação dos documentos para os estudos acadêmicos de literatura. (DILTHEY, 1991, p. 4-5). Poucos anos antes, em 1871, a Alemanha havia se tornado o império de Otto von Bismark e, não por acaso, a concepção de Dilthey ainda se relaciona a uma visão do autor como gênio expressivo de um povo, que era própria da época e dava continuidade à tradição de se preservarem manuscritos de grandes autores.¹³

Em 1895, é fundado em Marbach e Stuttgart a *Schillerverein* [*Fundação Schiller*], com o objetivo de construir um museu e um arquivo para preservar escritos do próprio Schiller e de outros autores. A obra é terminada em 1903 e inaugurada com o apoio do rei de Württemberg. De lá para cá, surgiram na Alemanha cerca de 50 arquivos regionais e vários arquivos nacionais. (Cf. HAY, 2003, p. 69).¹⁴ No mesmo local em que foi fundada a *Schillerverein*, em Marbach, surgiu em 1955 um dos mais importantes arquivos de literatura: *Deutsches Literaturarchiv (DLA- Arquivo alemão de literatura)*, que passou a reunir textos de toda a literatura de língua alemã a partir de 1750.

Não é demais observar que, longe de significar o acirramento de sentimentos nacionalistas, a existência dos arquivos está hoje relacionada a um sentimento positivo em relação a uma comunidade de comunicação que não se deseja perder. A história mais recente dos arquivos de literatura, a liberdade de pesquisa que se encontra neles e o esforço de internacionalização dessas instituições não revelam um movimento de defesa contra outras nações,¹⁵ mas a recuperação e preservação de uma determinada cultura nacional ou regional, que não se vê enaltecida de maneira ingênua, mas criticamente submetida a questionamentos e valoração, sob padrões de isenção reflexiva aceitáveis na comunidade acadêmica e intelectual.

Sinal claro dessa postura é a recente inauguração do LiMo, *Literaturmuseum der Moderne* [Museu de Literatura da Modernidade].

Localizado também em Marbach – e integrado ao complexo arquitetônico constituído pelo Schiller-Nationalmuseum, pelo Deutsches Literaturarchiv e pelo Collegienhaus, um prédio de apartamentos para moradia temporária dos pesquisadores –, o novo espaço abriga uma exposição permanente de textos literários da modernidade, objetos, documentos, de escritores modernos, e complementa assim o acervo do museu mais antigo, que continua a expor os materiais referentes aos séculos XVIII e XIX. No folder de apresentação do LiMo, lêem-se questionamentos caros aos críticos e estudiosos de literatura: “Que rastros deixam as pessoas na literatura e com ela? Como os escritores trabalham? Como eles criam textos densos, frases marcantes, figuras inesquecíveis? Como a literatura vem à luz? O que se agrega a ela e que formas ela conhece? E que restos dela permanecem?”

Ainda que em condições histórico-culturais bem diversas, outras não parecem ser as inquietações de Carlos Drummond de Andrade quando imagina, nos anos 70, a fundação de um arquivo-museu de literatura, ao qual a Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, decide dar corpo:

Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índios, república... de literatura não temos. [...] falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição da escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo? (citado em VASCONCELLOS, sd, p. 1-2).

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMBL) foi fundado sob o élan nacionalista que rondava o Brasil na década de 1970. Quem questionaria hoje, porém, o valor desse acervo, que em 2002 reunia 76 arquivos e 27 coleções de escritores brasileiros? Instituições como o AMBL, o IEB/USP e outras do gênero contribuem para que se materialize no Brasil um tipo de memória e voz coletiva a que sequer a pesquisa especializada ainda está habituada. O Deutsches Literatur-Archiv, na Alemanha, conta em uma única instituição com cerca de 1.000 coleções individuais (bibliotecas, manuscritos, arquivos); e sua meta de trabalho vem sendo arquivar simplesmente todos os documentos e publicações relacionados à literatura alemã.

A realidade brasileira é outra. Contudo, além de interessar a editores de textos críticos e representantes da crítica genética, a integração entre a pesquisa em arquivos literários e a interpretação das obras vem sendo valorizada sempre mais como método de estudo dos textos e como contribuição para a preservação de parte importante da memória discursiva – que somos.

ABSTRACT

This article is about the function and value of the documental research in literary archives to the perception of literature as discursive voice in a communication community. To start this discussion, the basis is the main idea of Karl-Otto Apel, which states that the building of meanings equivalent to an assumed position in a established communicative space and which can be enquired through the aesthetic dimension of language. As examples, the article presents the results of two different studies. The first about Paul Celan, and the second about Guimarães Rosa. In both, the research was not related to the philological characteristic, but it offered the possibility of reconstruct the discursive wit of literature. In the first study, the method reconstructs the voice of poetry as accusation of *shoah* and keeps the defense of human. In the second, it reveals the critics of Guimarães Rosa in relation to Brazilian faults and omissions during the same historical period.

KEY WORDS: literary archives, literary study, discursive voice

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Ästhetische Theorie: Gesammelte Schriften*. TIEDEMANN, Rolf. (org.). Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1990. v. 7.
- APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II. O a priori da comunidade de comunicação*. Trad. de P. Soethe. São Paulo: Loyola, 2000.
- BLINN, Hansjürgen. *Informationshandbuch Deutsche Literaturwissenschaft*. 2. ed. ampl. e corrig. Frankfurt/M.: Fischer, 2003.
- BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2004.

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2 v. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CELAN, Paul. *Die Niemandrose*: Historisch-kritische Ausgabe. Besorgt v. der Bonner Arbeitsstelle für die Celan-Ausgabe. Bd. 6.1. Gedichte; 6. 2. Apparat. GELLHAUS, Axel (org.). Unter Mitarbeit v. Holger Gehle u. Andreas Lohr in Verbindung mit Rolf Bücher. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2001.
- _____. *Der Meridian*. Endfassung, Entwürfe, Materialien. org. por Böschenstein, Bernhard; Schmull, Heino. Frankfurt/M.: Suhrkamp 1999. (Tübinger Ausgabe)
- CLÜVER, Claus; FLANIGAN, Clifford. *Comparative Literature and the shifting paradigms of Literary Study*. Tiposcripto, 15 p. Indiana University, 1986.
- COSTA LIMA, Luiz. Hermenêutica e abordagem literária. In: _____. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- _____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- _____. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DEANE, S. Imperialism/nationalism. In: LENTRICCHIA F.; McLAUGHLIN, T. (orgs.). *Critical terms for literary study*. 2. ed. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1995. p. 354–368.
- DILTHEY, W. Archive für Literatur. *Gesammelte Schriften*, Göttingen, v. XV, 1991.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GADAMER, Hans-Georg. Wer bin ich, wer bist du? *Gesammelte Werke*. Tübingen: Mohr, v. 9, 1993.
- GELLHAUS, Axel. Marginalien. Paul Celan als Leser. In: PÖGGELER, O.; JAMME, C. (org.). *Der glühende Leertext*. Annäherungen an Paul Celans Dichtung. München: Fink, 1993.
- _____. (org.). *Die Genese literarischer Texte: Modelle und Analysen*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 1994.
- _____. Erinnerung an schwimmende Hölderlintürme. Paul Celan Tübingen, Jänner. *Spuren*, 24, Marbach a. N., 2001.
- _____. ...seit ein Gespräch wir sind. Paul Celan bei Martin Heidegger in Todtnauberg. *Spuren*, 60, Marbach a. N., 2002.
- _____. In statu nascendi – *Die Niemandrose* und ihre Frühstadien – am Beispiel der Genese von In eins. In: ZSCHACHLITZ, Ralf. *Paul Celan. Die Niemandrose*.

Lecture et Interprétations. Nancy, 2003. p. 7-17.

_____. *'sovenha vos a temps di ma dolor'*. Anmerkungen zur "Niemandrose" und ihren Frühstadien. Typoskript, 2005.

GRÉSILLON, A. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p. 7-16, 1991.

_____. *Literarische Handschriften. Einführung in die „critique génétique“*. Peter Lang: Bern, 1999. (Arbeiten zur Editionswissenschaft; Bd 4).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HARBUSCH, Ute. *Gegenübersetzungen. Paul Celans Übertragungen französischer Symbolisten*. Diss. RWTH-Aachen, 2001.

HAY, Louis. A literatura sai dos arquivos. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. (orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 65-82.

ISER, Wolfgang. *Das Fiktive und das Imaginäre: Perspektiven Literarischer Anthropologie*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1991.

_____. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma Antropologia Literária*. Trad. J. Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

IVANOVIC, Christine. *Das Gedicht im Geheimnis der Begegnung. Dichtung und Poetik Celans im Kontext seiner russischen Lektüren*. Tübingen: Max Niemeyer, 1996.

KAMMER, Manfred. *Literarische Datenbanken: Anwendung der Datenbanktechnologie in der Literaturwissenschaft*. Munique: Fink, 1995.

KOEHLER, Jaqueline. *Sertão é o lugar onde a cidade carece de fechos*. Diss. de Mestrado – UFPR, Curitiba, 2007.

LOPES, Silvana Rodrigues. *A legitimação em literatura*. Lisboa: Cosmos, 1994.

MAINGUENAU, D. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS COSTA, Ana Luiza. Memória seletiva. *Cadernos de Literatura Brasileira: João Guimarães Rosa*, Instituto Moreira Sales, n. 20, 2006.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OTTE, Georg. O "Diário Alemão" de João Guimarães Rosa – relato de um projeto de pesquisa em andamento. In: DUARTE, Lélia Pereira (org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2002. p. 285-290.

PEREZ, Juliana P.. *Offene Gedichte. Eine Studie über Paul Celans Die Niemandrose*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2005.

- PLESSNER, Helmuth. *Die Stufen des Organischen und der Mensch*. Berlin: Leipzig, 1928.
- RICHARDS, I. A.. *Princípios de crítica literária*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SENG, Joachim. *Auf dem Kreis-Wegen der Dichtung*. Zyklische Komposition bei Paul Celan am Beispiel der Gedichtbände bis Sprachgitter. Heidelberg: Winter 1998.
- SOETHE, Paulo Astor. A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 287-301, 2. sem. 2005.
- SZONDI, Peter. Über philologische Erkenntnis. *Schriften I*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1978.
- THOLEN, Toni. *Erfahrung und Interpretation*. Der Streit zwischen Hermeneutik und Dekonstruktion. Heidelberg: Winter, 1999.
- TOLEDO, Renato Pompeu de. Riobaldo e Hitler. *Veja*, São Paulo, p. 114, 14 fev. 2007.
- VASCONCELLOS, Eliane. *O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira: um sonho drummondiano*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, sd.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Theory of Literature*. Nova York: Harcourt, Brace; Londres: J. Cape, 1949.
- WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- WÖGERBAUER, Werner. Chronologie et composition chez Paul Celan. In: CORBEA-HOISIE, Andrei (org.). *Paul Celan*. Biographie und Interpretation. Konstanz: Hartung-Gorre; Paris: Suger; Iasi: Polirom, 2000. p. 201-213.

NOTAS

¹ Ver, p. ex., EAGLETON, 2001.

² René Wellek, jovem membro do Círculo Lingüístico de Praga nos anos 1930, estudioso e difusor do formalismo russo, interlocutor dos críticos de Cambridge (I. A. RICHARDS, 1967, entre outros), atua bom tempo na Europa, mas vê-se obrigado a emigrar para os Estados Unidos, em 1939. Fixa-se primeiro em Iowa, depois que docentes dessa Universidade vão à Europa para resgatá-lo de uma situação difícil criada pela súbita dominação da Tchecoslováquia por Hitler: Wellek atuava na Inglaterra como enviado tcheco e teve seus proventos cortados pelos novos administradores alemães. Em 1946 passa a atuar em

Yale, e é como professor dessa instituição que lança, com Warren, a *Teoria da literatura*.

³ Ver sobre a questão THOLEN, 1999; LOPES, 1994.

⁴ Ver, p. ex., GUMBRECHT, 1979; COSTA LIMA, 1983, espec. p. 79-81, e 1986.

⁵ Entende-se “discurso” aqui (em alemão *Diskurs*) como a interlocução em um contexto social, histórico e reflexivo determinado, conduzido por sujeitos que integram uma comunidade de comunicação mais ou menos formalizada, seja em um tempo e um espaço específicos, seja em um meio ideal constituído na sociedade pelo registro e desenvolvimento da interlocução a partir de temas e problemas delimitados, em espaços comunicativos tais como a mídia impressa, televisiva, de rádio e *internet*. Os participantes do discurso estabelecem conjuntamente, de maneira mais ou menos formalizada, o caráter de seu objeto e o teor de verdade que se pode (ou não) atribuir-lhe. Um exemplo de meio discursivo altamente organizado, pela natureza de sua atividade, é a comunidade científica, nas diferentes áreas. Aí os discursos fluem de maneira sistemática, podendo na maioria das vezes ser reconstituídos e acompanhados com boa visibilidade.

⁶ Um dos principais trabalhos na área de teoria literária nos anos 1990, *O fictício e o imaginário*, de Wolfgang ISER (1991; trad. bras. 1996) tem como ponto de partida o diálogo com a antropologia. Em seu livro mais recente, Luiz COSTA LIMA (2006) dedica esclarecedor capítulo a essas reflexões mais recentes do teórico alemão, mais conhecido entre nós por seus trabalhos ligados à teoria da recepção, dos anos 1970.

⁷ Há também um meio discursivo literário, firmado materialmente nas publicações, mídia, academias, universidades etc. O texto literário, no entanto, surge e circula livremente, integra discursos diversos, e na maioria das vezes não está voltado primeiramente ao meio discursivo literário em sentido estrito, senão que ao grande público, imponderável. O texto abriga e mantém a voz discursiva de um sujeito que, ao integrar discursos amplos, opta especialmente por formas peculiares de participação na comunidade de comunicação. Ao integrar debates diversos, o texto literário é uma voz que se manifesta sobre algo; mas é, sobretudo, como se sugeriu acima, uma voz que reflete sobre sua própria constituição, sobre a composição e orquestração de seus elementos formais. Esse caráter duplo do texto literário – que é a um só tempo declaração no discurso e reflexão sobre a forma da declaração – perfaz em grande medida sua especificidade.

⁸ Refiro-me, por exemplo, à aquisição dos manuscritos de Heinrich Heine pela Biblioteca Nacional francesa, em meados dos anos 60, e à conseqüente cria-

ção de uma equipe de pesquisa que pudesse organizá-los (cf. GRÉSILLON, 1991, p. 7-18).

⁹ Dada nossa recente tradição científica, mesmo autores que parecem “muito estudados” na cena nacional ainda demandariam grande número de estudos para que se alcançassem, na pesquisa sobre eles, padrões internacionais. A pesquisa sobre Franz Kafka, por exemplo, compreendia já em 1984 cerca de 15.000 trabalhos publicados, entre livros, artigos, dissertações e teses (cf. Pawel, 1984 *apud* MANGUEL, 1997). Sobre Rosa, estima-se terem sido publicados apenas cerca de 2.500 trabalhos (cf. BOLLE, 2004).

¹⁰ Trabalho defendido há poucas semanas na Universidade Federal do Paraná é um entre muitos exemplos de pesquisas que privilegiam esse aspecto do romance. Cf. KOEHLER, 2007.

¹¹ Após o início da pesquisa (em 2001) que deu origem ao artigo em questão (SOETHE, 2005), foram publicados sobre o assunto: OTTE (2002); MARTINS COSTA (2006); e há pouco um ensaio breve, mas de grande alcance, de TOLEDO (2007).

¹² KAMMER (1995) apresenta um bom trabalho sobre o assunto, escrito à luz de possibilidades técnicas e metodológicas ainda relevantes, não obstante os avanços mais recentes.

¹³ Louis Hay, um dos iniciadores da crítica genética, recorda que: “documentos literários foram colecionados a partir do momento em que o culto ao grande escritor surgiu no imaginário coletivo. Isso pode remontar muito atrás e permite, hoje, encontrar manuscritos literários, compreendendo aí documentos de trabalho, a partir do século XIV na Biblioteca Vaticana de Roma, do século XVI, na Staatsbibliothek de Berlim, do século XVII na British Library de Londres, do século XVIII, na Biblioteca Nacional de Paris. [...] [Mas] os contemporâneos de Petrarca, de Francis Bacon ou de Rousseau não atribuíam nenhuma significação específica aos testemunhos do trabalho literário. Os manuscritos destes célebres autores eram conservados em sua qualidade de autógrafos e, por assim dizer, a título de relíquias; às vezes também para servir a seus contemporâneos de modelos na arte de escrever. Foi preciso esperar a passagem do século XIX para o século XX para vermos as cortinas se abrirem sobre um outro cenário intelectual.” (HAY, 2003, p. 68)

¹⁴ Para uma listagem completa dos arquivos literários na Alemanha, além de dados sobre outras instituições voltadas à pesquisa e preservação de obras literárias nos países de língua alemã, ver BLINN, 2003. O volume inclui seção com importantes considerações teóricas e metodológicas sobre a pesquisa em Estudos Literários.

¹⁵ Sobre a superação do nacionalismo como fator de organização e determinante metodológico na pesquisa da área de Estudos Literários, ver CLÜVER et FLANIGAN, 1986; DEANE, 1995; e CASANOVA, 2002, p. 109-216.